

EXUBERÂNCIA E CROMATISMO: PORTUGAL E BRASIL NA JOALHARIA DE SETECENTOS¹

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
CIONP; CITAR-EA/UCP

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XVIII o cromatismo foi uma das principais características de diversas artes. Em termos europeus, a joalheria não foi excepção e a ourivesaria portuguesa, acompanhando as correntes em moda, deixou-se seduzir pelo apelo dos contrastes cromáticos possibilitado pelas diversas gemas².

Os diamantes, numa primeira fase, e as pedras de cor, como granadas, ametistas, águas-marinhas e crisoberilos chegados do Brasil, numa segundo momento, permitiram que a joalheria portuguesa (e a brasileira?) pudesse atingir um momento de grande significado em termos internacionais.

Seguindo os diversos modelos de aparato, como os das girândolas, nas versões rococó e neoclássica, alcançaram particular destaque os topázios imperiais e os cristais de rocha, que durante longos anos receberam a designação imprópria de *minas novas*³.

O objecto de análise neste estudo reside no percurso formal e decorativo da joalheria deste século e dos primeiros tempos de Oitocentos, ligando indelevelmente Portugal e Brasil, numa intercomunicação entre formas, gemas e uso das peças, sobretudo pelas elites de Portugal continental, da Madeira, dos Açores e da então colónia brasileira.

BREVE ALUSÃO ÀS PRINCIPAIS TIPOLOGIAS DE JÓIAS UTILIZADAS

A importância da joalheria em Portugal surge como uma realidade transversal a todas as camadas sociais, desde os estamentos populares até à Família Real. A presença de uma maior abundância de pedraria, sobretudo a partir de meados de Setecentos, com proveniência brasileira, como vimos, e o gosto manifesto pela presença da cor nos ornatos preciosos determinaram o encontro de certas

1 Agradecemos aos proprietários das peças aqui reproduzidas a autorização para a sua publicação, bem como à Dr.^a Isabel Dias Ferreira a colaboração na revisão final das provas do trabalho.

2 Já nos finais do século XVII, a cruz-relicário da Sé de Évora evidenciava um extraordinário efeito cromático, permitido pelo impacto conjunto dos esmaltes com a luxuriante pedraria que decora a quase totalidade da peça. Cf. R. Galopim de Carvalho; A. Goulart de Melo Borges; G. de Vasconcelos e Sousa, *O Santo Lenho da Sé de Évora: Arte, esplendor e devoção*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2011; para o recurso de diversas alfaias, sobretudo custódias, a pedraria na sua ornamentação, cf. N. Vassallo e Silva, “As custódias-jóias de Setecentos”, *Oceanos*, Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), 78-92.

3 Sobre esta questão, cf. R. Galopim de Carvalho; L. d’Orey, “Glossário”, em *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa (coord. L. d’Orey), London, IPM; Zwemmer, 1995, 122.



FIG. 1. Pormenor do retrato de D. Maria Rita Bernardina de Andrade, mulher de José António Peixoto, usando meio adereço de pendente e par de brincos de girândola, provavelmente com pedraria branca e topázios, de modelo do último quartel de Setecentos. Pintura da primeira metade do séc. XIX. Coleção da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos. Fotografia de Stefan Alves.

soluções específicas e a opção por determinadas tipologias de peças.

A exuberância das formas e dos ornatos das jóias rococó, sobretudo daquelas que optaram pela pedraria brasileira na respectiva decoração, leva a que, no modelo da *girandole* (fig. 1), que se disseminava por todo o mundo ocidental, se tivessem obtido exemplares verdadeiramente impactantes.

O neoclássico, sentido já em força na última década de Setecentos, fez com que a selecção das gemas optasse por tonalidades mais claras, e, por isso, vemos abundar na joalharia do período as águas-marinhas, os *topázios brancos* e os crisoberilos, que certamente combinariam com a predominância cromática preferida pelas senhoras da época no traje e nos vários tipos de acessórios.

Nos brincos, duas opções: a vertente neoclássica do botão, laço e pendente, com o recurso, em geral, a apenas uma tipologia de gemas; ou a presença dos brincos com flores, como se evidencia no retrato de D. Ana Cândida Veloso de Azevedo Ferreira, existente no espólio da Santa Casa da Misericórdia do Porto⁴.

Os toucados resplandeciam com pedraria, quais “*jardins de Primavera*”⁵. Flores e insectos combinavam-se para uma ornamentação festiva, por vezes articulados com fiadas de pérolas que, ao jeito de festões, formavam cénicas composições preciosas e configuravam uma imagem de luxo e aparato. As flores de ornamentação e o cromatismo das jóias entravam

em feliz casamento com a riqueza do traje, que a esse tempo usava tecidos coloridos, à base de azuis ferretes, carmesins, verdes, entre outras cores⁶.

Como se torna facilmente perceptível, as representações iconográficas das senhoras da época constituem uma importante fonte para a observação das distintas soluções encontradas para ornar o toucado, seja optando por uma só peça de grandes dimensões (figs. 2 e 3), seja preferindo disseminar um conjunto que vai desde flores a *aigrettes*, passando por fiadas de pérolas (fig. 6), ou, ainda, por um conjunto de flores de pedraria, como a usada pela marquesa de Ponte de Lima no seu traje de evocação da moda da camponesa, instituída por Maria Antonieta⁷.

4 Publicado in G. de Vasconcelos e Sousa, *A joalharia no Porto ao tempo dos Almada*, Porto, CITAR, 2009, última fig. antes da p. 129.

5 Na feliz expressão de Leonor d’Orey in *Cinco séculos de joalharia: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa* (coord. L. d’Orey), London, IPM; Zwemmer, 1995, 53.

6 E todo um outro conjunto de colorações que se foi esbatendo à medida que o final da centúria foi avançando. Cf., a este propósito, o trabalho de G. de Vasconcelos e Sousa, “Uma loja de tecidos na ilha de S. Miguel, nos finais do século XVIII”, em *Matrizes da investigação em Artes Decorativas III* (coord. G. de Vasconcelos e Sousa), Porto, CITAR, 2012 (a editar).

7 Cf. a reprodução deste retrato in G. de Vasconcelos e Sousa, *A joalharia em Portugal: 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999, 68.

Os anéis invadiam as mãos de mulheres e homens, sendo, muitas vezes, a tipologia mais identificada em inventários de reduzido número de peças, referentes a algumas pessoas de locais mais periféricos. As gemas escolhidas passam, sobretudo, pelos topázios (fig. 8) e, mais tarde, os crisoberilos, pelos vulgarmente denominados, à época, por crisólitas. Outras vezes, a combinação de pedraria permitia efeitos surpreendentes, cintilando entre o verde limão e o púrpura, o carmesim e o verde esperança, possibilitado pelos dobles ou pelo efeito das folhetas metálicas colocadas nas estruturas de cravação, que, numa simbiose com as gemas, em tudo buscavam a criação de fortes sensações visuais.

É esse, a nosso ver, o principal encanto da joalheria portuguesa do período em consideração, com a presença ofuscante da pedraria que, a um custo não demasiadamente elevado, produzia as consequências socioartísticas expectáveis. Outros efeitos cromáticos eram possibilitados pelo recurso aos esmaltes (fig. 5). Ou seja, as jóias entravam, por pleno direito, no processo social da expressão do luxo e aparato (fig. 6), condição da afirmação social das elites e daqueles que almejavam, e muitos conseguiriam, elevar-se pelas posses e comportamentos sociais. A sua aquisição e uso eram pressupostos das elites portuguesas, que nela gastavam somas avultadas, a par do que sucedia com a prataria. Trata-se, como um dia sugerimos, do triunfo do *brilho da honra*, tema de um livro que, brevemente, agrupará os nossos estudos sobre a relação entre as elites e a sua expressão através dos seus acervos de metais nobres e pedraria.

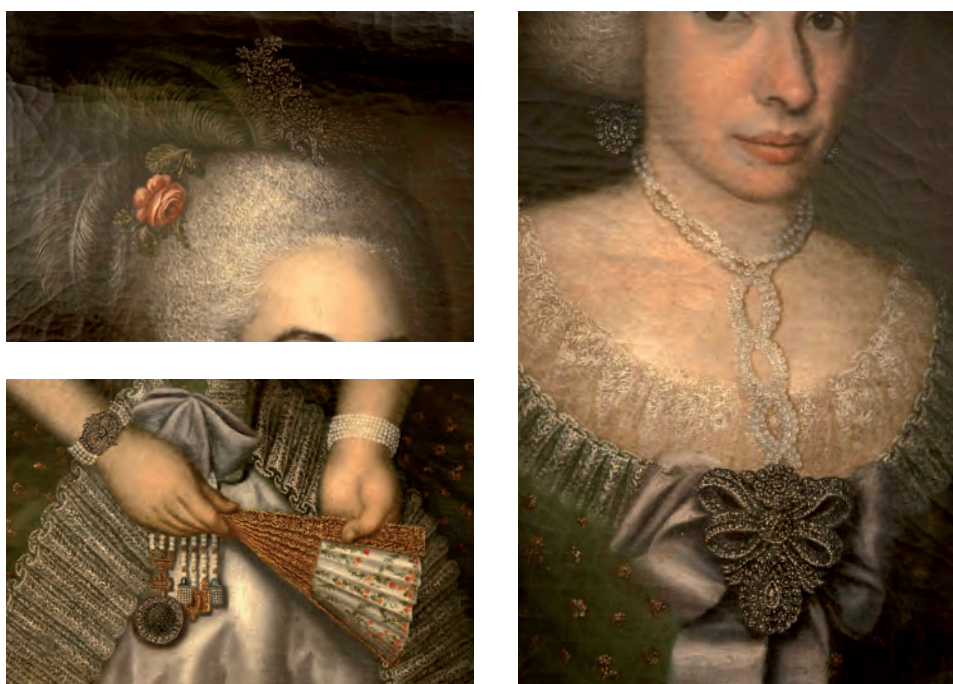
As pérolas davam corpo a colares (figs. 4 e 6), a fechos de pulseiras (figs. 5 e 6) e borlas de *châtelaines* (fig. 5), e os toucados (fig. 6), sobretudo nas armações próprias dos finais de Setecentos, usavam-nas em composições teatrais, ao jeito de festões. Estas encenações preciosas, que o retrato perpetuou, tiveram na imagem da soberana, D. Maria I, uma preciosa aliada, pois a monarca surge frequentemente representada com *aigrettes* mais ou menos exuberantes e fiadas de pérolas de alguma dimensão, dispostas em harmoniosas combinações. Os aljôfares ganhavam também expressão, sobretudo em *meadas* ou em sistemas mais organizados, que podiam ser usados ou não em conjugação com fechos de pedraria, nomeadamente em pulseiras⁸.

Ainda com muito interesse nos finais do século XVIII, pela alegria das formas e dos elementos componentes, revelava-se a *châtelaine*. Podemos encontrá-las com o relógio funcionando como elemento central, rodeado dos outros pendentes, como no retrato de D. Joana Quitéria de Barros (fig. 6). Outras vezes vislumbramos a presença de borlas, como sucede no de D. Teresa Urbana Benedita (fig. 2), ambas coevas e vivendo na cidade do Porto.



FIG. 2. Retrato a óleo sobre tela de D. Teresa Urbana Benedita, mulher de João Lopes de Bessa Ferraz, da cidade do Porto, 1781. Coleção particular. Fotografia de Stefan Alves.

8 Cf. o uso dos aljôfares nos Açores, que abordámos in G. de Vasconcelos e Sousa, "Ditames do gosto setecentista: o negociante de grosso trato Nicolau Maria Raposo do Amaral, de Ponta Delgada, e as Artes Decorativas", em *Matrizes da investigação em Artes Decorativas* (coord. G. de Vasconcelos e Sousa), Porto, CITAR, 2010, 28-31.



FIGS. 3 a 5. *Pormenores das jóias representadas na pintura da imagem anterior.*



FIG. 6. *Retrato a óleo sobre tela de D. Joana Quitéria Pereira de Barros, mulher de Manuel Ribeiro de Faria, Porto, finais do séc. XVIII. Coleção de D. Beatriz de Sottomayor, Lisboa. Fotografia de José Eduardo Cunha.*



FIG. 7. Retrato a óleo sobre tela de personagem masculina, dignitário da Ordem de Cristo, finais do século XVIII. Coleção particular, Lisboa. Fotografia de José Eduardo Cunha.



FIG. 8. Meio adereço formado por pendente e par de brincos de topázios e diamantes cravados em ouro, 3.º quartel do séc. XVIII. Coleção de D. Maria Teresa Sabugosa. Fotografia de José Eduardo Cunha.



FIG. 9. Hábito de lançar ao pescoço da Ordem de Sant'Iago, com berilos, quartzos e topázios forrados e granadas, cravados em prata, finais do séc. XVIII. Coleção dos Herdeiros de Luiz Ferreira.



FIG. 10. Insígnia da Ordem de Avis, de ouro e prata, com esmeraldas, vidro forrado e topázios incolores, finais do séc. XVIII. Coleção de D. João de Noronha Osório. Fotografia de José Eduardo Cunha.



FIGS. 11 e 12. Estojo em couro carmesim com gravados a ouro, destinado a três pentes, finais do séc. XVIII. Coleção do Autor. Fotografia de Luís Ribeiro.

Os homens de posição apostavam na encomenda de impactantes insígnias de lançar ao pescoço e, mais para os finais do século XVIII, de resplandecentes placares. Estas peças eram repletas de pedraria, sobretudo de gemas da moda, que simulavam os diamantes e os rubis. A Ordem de Cristo constituiu, ainda hoje, no panorama internacional, uma embaixadora das insígnias portuguesas. E o retrato ajudou a perpetuar e a destrinçar os diversos modelos – apesar de todos os cuidados atendendo à possível fantasia do retratista –, como se pode vislumbrar na representação pictórica de uma personagem cujo tempo não nos legou a identificação precisa, ornamentado com uma insígnia de lançar ao pescoço já posterior a 1789. Tal datação é possível pela presença do Coração de Jesus, sendo a jóia esteticamente de feição neoclássica pela aposição do remate superior em laçaria (fig. 7). As outras ordens militares portuguesas deram origem, igualmente, a belas peças de joalheria, recorrendo a rubis ou a granadas (fig. 9), no caso na Ordem de Sant'Iago, e a esmeraldas ou dobletes, no caso da Ordem de Avis (fig. 10).

Para o invólucro dos objectos, era habitual o recurso a estojos, particularmente ricos até ao início do século XIX, que constituíam, como outrora lhe chamámos, verdadeiras antecâmaras das jóias. De facto, os estojeiros realizavam caixas de couro carmesim, no exterior, decorados com gravados a ouro, sobretudo à base de motivos fitomórficos (fig. 11), e com a base, no interior, revestida de veludo (fig. 12). Alguns eram de maiores dimensões, sobretudo para adereços, adoptando o feitio das diversas tipologias⁹.

Não se pense, contudo, que as jóias eram apenas usadas pelas personagens *terrenos*, pois o ambiente socioreligioso caldeava o apreço pela decoração da imaginária e em tudo favorecia a instituição de doações e legados de peças de joalheria destinadas a imagens de Nossa Senhora e de santas da devoção, nomeadamente em conventos ou em grandes santuários. Recentemente, em estudo que efectuámos referente a uma amostra de testamentos de Lisboa ao longo da segunda metade do século XVIII, pudemos constatar o estabelecimento de diversos legados de jóias e peças de traje destinados a efectuar as festas das imagens, possivelmente de roca (mas também para a execução de paramentaria)¹⁰. Outras vezes, os exemplares eram executados propositadamente para a ornamentação das santas, como sucedia com o ornamento de corpete actualmente no Museu Nacional de Soares dos Reis e que pertencia à imagem de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa¹¹, ou com o laço de peito com a representação do Monte Carmelo, pertencente a uma Nossa Senhora do Carmo, do acervo do mesmo Museu¹². Em ambas as peças se enquadra o título deste artigo, referente à exuberância e aparato da combinação cromática na joalheria de Setecentos, tal é a profusão de gemas e soluções ornamentais, representativas da joalheria da segunda metade de Setecentos.

ENVIO DE JÓIAS DE LISBOA PARA O RIO DE JANEIRO

O recurso a numerosas gemas brasileiras, presentes na joalheria portuguesa já desde o segundo terço de Setecentos, evidencia o envio e comércio de pedraria entre a colónia brasileira e os centros produtores reinóis.

9 Esperamos em breve poder dar à estampa um pequeno estudo sobre diversos tipos de estojos na joalheria portuguesa deste período.

10 G. de Vasconcelos e Sousa, “Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos”, em *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II* (coord. G. Vasconcelos e Sousa), Porto, UCE-Porto; CITAR, 2011, 35-38.

11 L. Penalva, “As jóias da Virgem do Carmo”, *Revista de História da Arte*, Lisboa, IHA-FCSH-UNL, 2 (2006), 236-241.

12 Publicado in G. de Vasconcelos e Sousa, *A joalheria em Portugal: 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999, 108.

Após a proibição de ourives em terras de Vera Cruz, devido aos receios de que os ofícios relacionados com os metais preciosos pudessem contribuir no desvio do ouro que cabia ao Estado, as gemas vinham para Portugal Continental, e as terras brasileiras passaram a constituir, com o florescimento da economia e da sociedade locais, um bom mercado para a colocação dos adornos preciosos, sobretudo os de valor médio, realizados nos centros produtores de Lisboa e Porto. Portanto, se, num primeiro momento, as gemas brasileiras afluíam à metrópole, as jóias, muitas com essas mesmas pedras cravadas, eram reenviadas para diversas povoações da colónia brasileira.

Em relação à cidade do Porto, tivemos ocasião de divulgar o envio de diversas remessas de jóias para o Brasil num estudo elaborado em 2005¹³ e complementado com novas informações em 2010¹⁴. Esta investigação demonstra a apetência transatlântica por laços, brincos, relicários, anéis, pentes, fivelas, pulseiras aos pares e plumas, não esquecendo adereços “*da moda de tres pendolas*”, numa alusão ao modelo das girândolas¹⁵.

Quanto a Lisboa, tivemos ocasião de encontrar, recentemente, registos de envio de jóias por ourives de Lisboa a fim de serem comercializadas no Rio de Janeiro. Nesse sentido, identificámos quatro remessas efectuadas para esta cidade pelo ourives do ouro de Lisboa Inácio Pereira Raposo, entre 1770 e 1771 (quadros I a IV)¹⁶, que indiciam a relevância deste mercado, aproveitado pelos mestres da capital do Império. Estamos em crer que novas buscas nos permitirão descobrir outros casos similares.

Com loja aberta junto ao Hospital, na freguesia de Santa Justa, na capital portuguesa, entre as remessas deste mestre aurífice verificamos uma grande diversidade tipológica, compreendendo jóias destinadas à cabeça, peito e mãos. Estas adequavam-se às vontades aquisitivas da clientela brasileira que, ávidas – tal como sucedia na metrópole – de peças identitárias de um estatuto social, cuja complexa teia comportamental se catapultou em Setecentos, consumiam os adornos preciosos oriundos de manufactura reinol. Entre as gemas, a preferência vai para os topázios e diamantes, mas encontramos ametistas, rubis, safiras e diversos camafeus. Por vezes, as descrições revelam-se mais difusas, sem menção às gemas, o que é possível sucedesse tal a diversidade de pedraria chegada do Brasil e que se tornava difícil identificar com clareza.

Entre as pedrarias reconhecidas nesses envios constatamos a descrição de topázios amarelos ou encarnados – provável alusão ao topázio imperial –, diamantes, safira, ametista e rubis (quadro I), mas também pingos de água (quadro IV), entre diversas referências a pedras genericamente descritas como encarnadas ou verdes. Assiste-se, nas várias remessas, à presença dos camafeus (quadros I, II e IV) e, igualmente, ao uso do esmalte.

Quanto às tipologias de jóias, encontramos desde pentes a brincos e ciganas, de anéis a hábitos de Cristo, sendo a prevalência para anéis e brincos. Existe a referência a vários adereços que acreditamos serem formados, pelo menos, por pendentos e brincos, ou a conjuntos para toucado, nomeadamente nos casos das flores.

13 G. de Vasconcelos e Sousa, “A ourivesaria nas relações entre o Porto e o Brasil no século XVIII”, *Museu*, Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo. 4.^a s. 14 (2005), 43-55.

14 G. de Vasconcelos e Sousa, *Percursos da joalheria em Portugal: séc. XVIII a XX*, Porto, CITAR, 2010, 275-288.

15 G. de Vasconcelos e Sousa, *Percursos da joalheria em Portugal: séc. XVIII a XX*, Porto, CITAR, 2010, 282-285.

16 Dispomos de mais informações sobre o envio de peças de Lisboa para o Brasil, de que faremos uso em trabalho específico sobre a viagem das jóias de Portugal para o Brasil e vice-versa, ao longo de Setecentos.

QUADRO I. Peças enviadas para o Rio de Janeiro por Inácio Pereira Raposo, ourives do ouro de Lisboa, no Navio Nossa Senhora da Misericórdia e Santa Ana (22.07.1770)

Quantidade	Descrição
1	Adereço em prata de topázios e diamantes
1	Adereço de estrelas e topázios amarelos
1	Adereço de estrelas roxas e camafeus
2	Jogos de pentes de topázios
1	Par de brincos em prata e camafeus e diamantes
1	Par do mesmo
1	Anel de brilhantes
1	Dito do mesmo
1	Dito de meios brilhantes e camafeus
1	Anel de topázios cravejados de diamantes
1	Anel de topázios encarnados e diamantes
2	Anéis de topázios amarelos e diamantes
1	Anel de topázios amarelos e diamantes
2	Ditos
1	Dito encarnado de topázios e diamantes
1	Dito de coração e topázio amarelo e diamantes
2	Ditos
1	Dito encarnado e diamantes
1	Dito com uma safira e diamantes
1	Dito de ametista roxa e diamantes
2	Ditos de rubis e diamantes
1	Dito de topázio amarelo e diamantes

Fonte: Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa), Núcleo do Brasil, doc. solto.

QUADRO II. Peças enviadas para o Rio de Janeiro por Inácio Pereira Raposo, ourives do ouro de Lisboa, no Navio Nossa Senhora do Carmo e Cana Verde (21.08.1770)*

Quantidade	Descrição
1	Adereço de diamantes em prata e diamantes e topázios
1	Par de brincos em prata e diamantes e camafeu
1	Par dito
1	Hábito de Cristo de granadas e diamantes
1	Par de brincos de diamantes em prata <i>à romana</i>
2	Pares de brincos de pedras verdes e camafeu
2	Ditos com pêndulos e camafeu
2	Pares de brincos de ametistas encarnadas
6	Pares de girassóis encarnados com pêndulas
1	Par de brincos de diamantes em prata com topázios
1	Par dito
1	Par dito
1	Par de brincos de camafeus e pedras verdes
1	Anel de diamantes brilhantes
15	Aparelhos de botões de cabaças encarnadas

* Para entregar no Rio a José António Ferreira [homem de negócios da praça do Rio de Janeiro] e, ausente, a Manuel da Graça Braga.

Fonte: Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa), Núcleo do Brasil, doc. solto.

QUADRO III. *Peças enviadas para o Rio de Janeiro por Inácio Pereira Raposo, ourives do ouro de Lisboa, no Navio Nossa Senhora da Nazaré e Santa Ana (2.12.1770)*

Quantidade	Descrição
1	Adereço em ouro, laço e brincos de diamantes
1	Adereço em prata, laço e brincos de diamantes e de topázios
1	Jogo de quatro pentes de topázios amarelos
1	Par de brincos de ouro, de diamantes e topázios
4	Pares ditos
2	Pares ditos
1	Par dito
1	Par dito de diamantes
1	Dito
2	Pares de brincos esmaltados em ouro
1	Dito
1	Anel de diamantes e topázios encarnados em coração
1	Anel de diamantes, topázios e <i>diamantes encarnados</i>
1	Dito de topázio amarelo
5	Ditos
1	Par de estrelas roxas e amarelas
2	Anéis de diamantes e rubis

Fonte: Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa), Núcleo do Brasil, doc. solto.

QUADRO IV. *Peças enviadas para o Rio de Janeiro por Inácio Pereira Raposo, ourives do ouro de Lisboa, no Navio São José Princesa Real (7.02.1771)*

Quantidade	Descrição
1	Hábito de Cristo de diamantes
1	Jogo de pentes de topázios amarelos
1	Dito
2	Ditos
1	Adereço de estrelas de ametistas e camafeus
1	Dito de estrelas de ametistas roxas
1	Par de estrelas de ametistas encarnadas
1	Dito pequeno
2	Pares ditos
2	Hábitos de Cristo de prata e ouro
1	Par de brincos de pingos de água
1	Par de brincos em prata <i>à romana</i> de ametistas
1	Par de ciganas <i>à inglesa</i> de granadas
3	Anéis de ouro e prata de pingos de água
1	Par de brincos em ouro, diamantes, aljófares e ametistas
1	Dito
2	Ditos
5	Pares ditos do mesmo
3	Ditos

Fonte: Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa), Núcleo do Brasil, doc. solto.

O USO DE JÓIAS: ALGUNS EXEMPLOS

A Família Real e as elites deixaram-se seduzir pela variedade dos efeitos cromáticos possibilitados pelas gemas brasileiras, e os diamantes continuaram a funcionar como gema principal para a Família Real¹⁷, por razões de prestígio e relevância económica. Quanto às elites, manter-se-ia a importante característica desta gema enquanto reserva de valor, a que se podia acudir numa aflição momentânea¹⁸, como o provam numerosos documentos de arquivos particulares¹⁹. Quanto a outras gemas, como os topázios, os crisoberilos, as ametistas ou as águas-marinhas, algumas das jóias mais aparatosas e vistosas, tão ao gosto desta centúria, encontraram nessas gemas um meio eficaz e menos dispendioso de concretizar o sonho de adornar-se adequadamente à respectiva condição social. De todas as gemas menores, talvez tenha sido o topázio – também pela riqueza e aparato dos exemplares oriundos das minas brasileiras – aquele que foi utilizado em maior quantidade, por exemplo, pela nobreza cortesã portuguesa²⁰.

*Jóias de D. Maria Francisca Benedita (1746-1829), Princesa do Brasil*²¹

Começemos a análise pela abordagem da relação com as jóias da figura de D. Maria Francisca Benedita (fig. 13)²², infanta por nascimento e princesa do Brasil por casamento com seu sobrinho, D. José de Bragança, filho dos reis D. Maria I, sua irmã, e de D. Pedro III, seu tio.

17 Mesmo nas cortes europeias, como a espanhola. Por exemplo, na listagem dos presentes que o conde de Fernan Nuñez ofereceu, em Lisboa, e em representação do rei Carlos III de Espanha, por ocasião do casamento de seu filho, D. Gabriel de Bourbon, com a infanta D. Mariana Vitória de Bragança, filha de D. Maria I. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-XIII-18, n.º 165; documento referenciado por L. Penalva, “Jóias e representação: as festas da Corte portuguesa no século XVIII”, *Oceanos*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, n.º 43 (Jul-Set. 2000), 127 e 130.

18 A alta nobreza da Corte estava muito condicionada pelas verbas provenientes dos rendimentos das comendas, atravessando, muitas vezes, graves faltas de liquidez. Cf. N. G. Monteiro, *O crepúsculo dos Grandes (1750-1832)*, [s. l.], Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1998.

19 Refiramos duas situações da ligação da casa dos marqueses de Fronteira a diamantes. De 1753 data um documento do 4.º marquês deste título: “*Devo ao Sr. Fernando Henriques de Siqueira seiscentos mil rs. procedidos de diamante e dinheiro que me vendeu e deu a cuja quantia me obrigo e lhe consino na mão do senhor Joze Rafael do Valle o seu que fará e quatro quartos sucessivos sendo o primeiro e dia de Pascua que embora virá de 1754*”. Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Casa Fronteira*, n.º 359, doc. solto.

Outro caso é do 5.º marquês da Fronteira, D. José Luís de Mascarenhas: “*Devo a Antonio Lourenço de Seixas tres contos e sincoenta e hum mil e outo centos e vinte e sinco reis procedidos de huns diamantes brilhantes que lhe comprey a minha satisfação e para pagamento da dita quantia lhe consino na sua mão cento e outo mil e trezentos e trinta reis cada mes que o dito António Lourenço de Seixas me hé obrigado a pagar da minha comenda de S. Nicoláo de Carazedo que lhe tenho arendado. E principiou esta consinação no mes de Janeiro deste presente anno e o resto que faltar para pagamento desta divida deste primeiro arendamento será pago no primeiro anno do segundo arendamento desta comenda e para satisfação da cuantia assima obrigo os meus bens e rendas e na faltas delles as minhas joyas que se fizerao destes diamantes que hé huma pessa do peyto com brincos irmaos e hum anel tudo cravado de diamantes brilhantes e hum ramo da cabeça cravado com diamantes e topázios e por ser verdade tudo o referido lhe mandey passar esta obrigação que assigney Lisboa 7 de Abril de mil e sete centos e setenta e hum 1771/Marquês de Fronteira*”. Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Casa Fronteira*, n.º 359, doc. solto.

20 Recorde-se, por exemplo, o trabalho executado em 1795 pelo importante ourives José Luís da Silva para o 5.º marquês de Abrantes, D. Pedro de Lancastre e Távora. Para além da gargantilha com 29 pedras, do pingente com 9 e da flor com uma grande e outras menores, num total de 58, existe referência a jóias cravadas de pedras brancas e ainda 16 ametistas lapidadas de qualidade, para serem utilizadas na execução de uma gargantilha. O facto de o ourives ter recebido *pedras brutas para lavrar*, que lhe foram entregues pelo titular (ametistas, cristais, topázio, cristal amarelo, pingo d’água e outras genericamente apresentadas como pedras lapidadas), pode indiciar que o aristocrata teria gemas em seu poder cuja proveniência, de momento, desconhecemos e que importa apurar de forma a aferir questões relacionadas com a chegada e o comércio de pedraria em Lisboa, em Setecentos. Cf. A.N.T.T., *Arquivo Abrantes*, n.º 99, Santos, L.º 3 L, n.º 2104, doc. solto.

21 Cf., sobre esta figura, as obras mais recentes P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007; A. Lázaro, *O testamento da princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

22 Existe uma curiosa nota de pagamento, datada do Rio de Janeiro de 1813, em que o barão de Rio Seco, Joaquim José de Azevedo, entregou à princesa a quantia de 184\$163 rs., “*do premio pertencente ao prezente mes, da quantia de*

Apreciadora de jóias e de vestir com a grandeza adequada à sua posição no Reino, o acervo de facturas existente na Biblioteca da Ajuda evidencia os gastos da real figura nestas artes sumptuárias, sendo curiosa a análise da execução²³, bem como de concertos e transformações em peças de joalharia do seu acervo, entre 1790 e 1807.

Nesse mesmo ano partiria para o Brasil com o resto da Família Real e o contacto com o ourives do ouro e cravador de diamantes João Paulo da Silva não teve mais eco na sua contabilidade, pelo menos no que temos conhecimento.

Revelam-se muito diversificados os gastos com vestuário²⁴ e com os principais costureiros da época, nomeadamente Louis Couvreur, Lambert José Baux e Louis Fleury²⁵, percebendo-se que a princesa teve um cabeleireiro a seu serviço a quem pagava um soldo mensal, pelo menos em 1807, de 9\$600 réis²⁶.

Da década de 90, já com a princesa viúva – o príncipe D. José morrera em 1788 –, temos conhecimento da existência de uma relação de encomendas diversas com o referido João Paulo da Silva²⁷, de que ficaram várias notícias de aquisições, modificações e concertos em numerosos objectos de pedraria e que culminaria com a execução de outra jóia, a custódia do Asilo de Runa²⁸. Os adornos são, em geral, de pouca monta, atendendo ao perfil da encomendante, mas revelam-se muito interessantes enquanto documentos dos finais de Setecentos, sobretudo ao nível dos objectos de valor intermédio.

Logo em 1790, encomenda umas borlas, objecto de matriz classicizante, bem como umas argolas, pagando pelo feitio, respectivamente, 25\$600 rs. e 7\$200 rs., pela aquisição de pedras, dando a ideia de que recebera gemas da encomendante e tivera de as ajustar, pois fala das “*que se ajustarão e lavrarão*”²⁹.



FIG. 13. Gravura de D. Maria Francisca Benedita, último quartel do séc. XVIII. Cabral Moncada Leilões (Março 2009, lote 895).

18:416\$360 rs, a reção de hum por cento ao mes, da dita quantia que existe em seo poder do importe das joyas que deixou a Sernissima Senhora Infante D. Maria Anna que Deos tem em gloria”. Cf. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 331 k.

23 Cf. a alusão a algumas destas tipologias in P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007, 62.

24 P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007, 66-67.

25 Cf., por exemplo, para o primeiro, cota: 54-VIII-50, n.º 98; para o segundo, 54-VIII-50, n.º 99; e, para o terceiro, cota: 54-VIII-50, n.º 182.

26 Cf., por exemplo, Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 331 l: “*Pelo que paguei o ordenado ao cabeleireiro*”, 9\$600 réis.

27 Deste ourives e cravador apresentámos diversas notícias nas nossas obras G. de Vasconcelos e Sousa, “A joalharia portuguesa dos séculos XVIII e XIX à luz da documentação”, *Museu*, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo. 4.ª s., 3 (1995), 130-132; Id., *A joalharia em Portugal: 1750-1825*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1999, 126 e 127.

28 Desta notável custódia existe diversa documentação referente a pagamentos ao ourives; de 1 de Julho de 1797, no valor de 300\$000 rs.; de 2 de Janeiro de 1798, no valor de 300\$000 rs.; de 4 de Abril de 1798, no valor de 150\$000 rs.; de 4 de Junho de 1798, no valor de 300\$000 rs.; de 6 de Outubro de 1798, no valor de 300\$00 rs.; de 1 de Julho de 1799, com acertos de diversas contas, numa verba de 249\$500 réis. Cf., respectivamente, Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII, 48b; 54-X-18, n.º 221; 54-X-18, n.º 222; 54-X-18, n.º 223; 54-X-18, n.º 219; 54-VIII-43, n.º 21 l.

29 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 315. Totaliza esta encomenda, de que recebeu em 17 de Junho de 1790, 39\$480 réis.

Já em 28 de Agosto desse ano recebeu o ourives uma verba respeitante a acertos em várias peças e para a criação de enquadramentos para os adornos. Lê-se que se executou uma caixa e memórias, concertos nas cadeias de diamantes e enfiou as pulseiras de rubis (21\$600 rs.), sendo necessário comprar 30 diamantes miúdos para um dos anéis (28\$000 rs.); foram realizados “dois anéis de obelisco”, nitidamente classicizantes por 28\$800 rs., mais vidros, “xapas de cabelos” e todas as caixas, totalizando a conta 93\$000 réis³⁰.

Vê-se que a princesa tinha a preocupação de cuidar da conservação do seu acervo de jóias, bem como do respectivo aspecto exterior. Disso é testemunha a conta, recebida em 17 de Março de 1791, do mesmo João Paulo da Silva, notando-se a execução de uma caixa para o adereço das crisólitas, o concerto do adereço (pressupõe-se que esse) e seu douramento, não deixando, contudo, de realizar novas jóias – brincos em águas-marinhas, dois anéis e pulseiras –, pagando feitos e lapidações de gemas, para além da caixa do adereço³¹.

Um mês depois, novas peças executadas (*anel de pulseira e cordonis e outro comprido*), chegando a colocar um diamante num anel, provavelmente perdido, e outros concertos não especificados³². Em Maio, um outro pagamento efectuado ao dito ourives, referente a anéis de diamantes grandes *dos cordonis*, outros quatro anéis *goarneçidos*, uma flor e uma borboleta, típicos da época, e ainda uma intervenção na fita de diamantes *de cores*, num total de 89\$200 réis³³. Em Julho, notícia de outra conta, e repetidamente se encontram outros anéis (pelo que é de crer que a princesa tinha especial predilecção por esta tipologia): do feitio do anel grande de diamantes, 12\$800 rs.; de umas pulseiras de diamantes e outras de pérolas, com caixa, 9\$800 rs.; de outro anel, “*que hera alfenete*”, 2\$100 réis³⁴. Como não são referenciadas gemas e somente verbas de feitio, é muito provável que estas fossem resultantes da entrega pela encomendante ou, então, procedessem da descravação de peças transformadas.

Nesse ano de 1791, anuncia-se um objecto de maior valor destinado a D. Maria Francisca Benedita. Tratava-se de um ramo em que, só de feitio, levou João Paulo da Silva a quantia de 327\$840 rs., contendo 1366 diamantes, com caixa respectiva (4\$800 rs.). A essa peça valiosa vinham juntar-se uns brincos de peros (72\$000 rs.)³⁵.

De 1792, uma longa conta denuncia as diversas intervenções da Princesa do Brasil: cercaduras novas nos brincos, aperto e alargamento de anéis, uma caixa para o prego de rubi e pé, molas de ouro nas quatro pulseiras, lapidação dos rubis para o anel e respectivo feito, de enfiar as pérolas nas pulseiras e, o mais dispendioso, o feitio “*do anel para a caixa das agoas marinhas*”, no valor de 25\$600 réis. E a execução de diversas peças: quatro anéis de ametistas (32\$000 rs.), um alfinete em forma de coração (12\$800 rs.), pulseiras de safiras (48\$000 rs.), um prego grande e um alfinete de safira, bem como um retrato (25\$600 rs.). Pela descrição da conta assumimos que as gemas teriam sido entregues, pois o ourives apresenta uma verba de 22\$000 rs., correspondente a “*lavrado de todas as pedras*”³⁶.

30 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 316.

31 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 73. No total, 64\$600 réis.

32 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 252. No total, 17\$880 réis.

33 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-49, n.º 58.

34 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 244. No total, 25\$880 réis.

35 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-17, n.º 50 (d). No total, 404\$640 rs.; data de 15 de Dezembro de 1791. Desta peça dá notícia P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007, 63.

36 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 288. No total, 241\$900 réis; data de 6 de Março de 1792.

Ainda nesse ano de 1792, o motivo vegetalista dá corpo a mais uma das suas jóias, concretizando uma flor, que surge executada conjuntamente com brincos: Quanto à pedraria, foram usadas safiras³⁷, uma gema pouco utilizada na joalheria portuguesa de Setecentos³⁸.

Em 1793, novo recurso a motivo floral, ornando-se a jóia com diamantes e safiras; conjuntamente com a caixa, totalizou a quantia de 342\$200 réis³⁹. Nesse ano evidencia-se a encomenda de outras jóias, uma com águas-marinhas e diamantes, para além de umas pulseiras de rubis, um alfinete com uma esmeralda grande – cuja lapidação custou 2\$400 rs. –, uma flor de crisólitas, com caixa, cadeias com grande número de gemas e um sinete com rubis e uma pedra não discriminada⁴⁰.

De 29 de Fevereiro de 1796, uma conta de descravação de gemas, referente a diamantes, esmeraldas, pratas e a caixa de relógio, valorados em 714\$875 rs. e entregues ao ourives, possibilitou que a princesa pagasse apenas 577\$425 rs., de um total de 1:292\$300 rs., verba em que haviam orçado as “cadeias groças”. Posteriormente, João Paulo da Silva elabora uma jóia com cravação *à jour*, ou seja, sem revestimento na sua parte posterior, e com vasta quantidade de diamantes. Da conta faz parte, igualmente, um anel com monograma, aí dito *das letras*, e conserto nas cadeias de rubis, para além de uma obra no chicote decorado com água-marinha⁴¹.

A partir desta data vemos abundar a menção à cravação *à jour*, como sucede na conta de 21 de Junho de 1796, a propósito de uma fita de diamantes brilhantes, pagando de um anel de diamantes brilhantes, de uma pulseira e de um cabo de chicote com ágata, engastada em ouro⁴².

Na conta de 9 de Maio de 1797 evidenciam-se os novos modelos de finais de Setecentos, com a execução de uma lua com cravação *à jour*, com brincos de igual sistema; alude-se a caixas *de veludo*, num total de 85\$000 réis⁴³.

As peças alcançavam formas diversas, como a borboleta – possivelmente adorno de toucado – que João Paulo da Silva executou para a princesa em 1797 e por cujo feitio, conjuntamente com o de cinco peças *cricoladas* [sic], levou o cravador a quantia de 115\$200 réis⁴⁴.

No ano seguinte continua a notícia de mais adornos, envolvendo fitas com rubis, anéis com pérolas e contas de ouro, fitas de pérolas e, provavelmente, decoração de esmalte azul, para além de uma fita de cinto⁴⁵.

As pérolas recebiam a atenção permanente da sereníssima princesa do Brasil, pelo que, em 1799, adquire um maço com 696 pérolas⁴⁶. O seu fornecedor é, continuamente, João Paulo da Silva, demonstrando a grande confiança existente entre a cliente e o mestre ourives.

De quase todos os anos seguintes, de 1800 até 1807, ano da partida para o Brasil, motivada pela invasão das tropas francesas, temos notícias do seu espólio de joalheria. Em 1800, o ourives, em factura recebida em 9 de Abril, elenca um conjunto diverso de intervenções, curioso por nos permitir analisar sobre o que era valorizado para efeitos de indexação numa conta de jóias neste período,

37 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-49, n.º 49. Data de 10 de Maio de 1792, num total de 176\$000 réis.

38 Conforme deixámos escrito em G. de Vasconcelos e Sousa, *A joalheria em Portugal: 1750-1825*, Porto, Civilização Editora, 1999, p. 66.

39 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 77. Data de 1 de Março de 1793.

40 No total, 200\$400 réis, tendo o recibo a data de 29 de Julho de 1793. Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-50, n.º 101.

41 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-5, n.º 174. Data de 13 de Março ou Maio de 1796.

42 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-40, n.º 34 d. Totaliza a conta 85\$920 réis.

43 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-41, n.º 45 b. Data de 9 de Maio de 1797.

44 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-41, n.º 48 c. Data de 24 de Julho de 1797.

45 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-42, n.º 10 c. Data de 29 de Setembro de 1798.

46 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-43, n.º 26 j. Data de 11 de Dezembro de 1799.

como os vários tipos de gemas, o feitio, a caixa, entre outros aspectos⁴⁷. As obras pequenas são, também, registadas, nomeadamente as argolas de pérolas e rubis (12\$000 rs. de feitio), entrando uma caixa de *voludo agalado* para um fio de pérolas⁴⁸.

Do ano de 1801 existe a referência da entrega de um largo número de diamantes a João Paulo da Silva, no valor de 4:229\$000 réis. Esta grande quantidade de gemas permitia satisfazer as necessidades permanentes de pedraria para a execução de novos adornos preciosos⁴⁹. Outras argolas, desta vez de grandes dimensões e *montadas a juro* foram levadas a cabo ainda nesse ano, para além de outra peça com esmeraldas e um anel com águas-marinhas. Ao todo, 85\$760 réis, em que entraram vários trabalhos ligadas ao acervo das jóias⁵⁰.

Para 1802 existem mais informações. De brincos com diamantes cravados *à jour*, de uma medalha, de uma presilha, da compra de topázios a Joaquim José do Nascimento, para além de umas argolas adquiridas a Male, entre outras obras, se faz pagar João Paulo da Silva em 5 de Julho⁵¹. Em Novembro desse ano, ressaltaríamos a execução de um malmequer de pérolas e diamantes, com caixa⁵².

Uma fita com *peça no meio*, com topázios, é a jóia mais relevante apresentada na conta recebida em Julho de 1803, em que se alude ao *lavrado das amêndoas*. Esse documento faz menção de *adresces de curaes*, de um *cordão para o colar de topazios*, de um *colar grande*, entrando a execução de outras jóias e diversos consertos. Ao todo, os trabalhos ascenderam a 408\$100 réis⁵³. Em Dezembro desse ano, novos gastos, desta vez com duas fitas, brincos grandes *de amendoa*, com topázios, pulseiras com topázios e diamantes, um alfinete e outras pulseiras de diamantes. Há referência a topázios lavrados *em roza*, de que se conhecem outras peças que chegaram à actualidade, atingindo-se, novamente, uma soma elevada; desta vez, 311\$000 réis⁵⁴.

Paulo Drumond Braga refere, em 1805, pequenos gastos com anéis e consertos, que, mais importantes do que as tarefas em si, importam pela continuidade dos trabalhos encomendados pela princesa no domínio da joalheria⁵⁵.

Quanto ao ano seguinte, o de 1806, referenciam-se pulseiras de rubis e anéis, argolas grandes e consertos em distintas peças, para além de um *colar de perola e o meio azul*, o que tudo atingiu a verba de 229\$360 réis. Isto no recibo de 24 de Julho⁵⁶, pois no de 16 de Dezembro, com pagamento efectuado em Mafra, a aposta foi na elaboração de uma jóia com a forma de grinalda e outra com uma peça de pérolas, o que, acumulando com outros trabalhos, ascendeu a 129\$600 réis⁵⁷.

Um último recibo de que temos conhecimento deste importante ourives do ouro, João Paulo da Silva, relativo a adornos executados para D. Maria Francisca Benedita, data de 16 de Fevereiro de 1807, ano da partida para o Brasil, como deixámos dito *supra*. Novamente vemos os anéis a receber a preferência da princesa, o mesmo sucedendo com as argolas, duas tipologias que, nesses últimos anos, haviam merecido a atenção da encomendante. As gemas, pertença da Família Real ou outras

47 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-44, n.º 30 j. Data de 9 de Abril de 1800.

48 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-44, n.º 33 l. Data de 10 de Julho de 1800.

49 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-45, n.º 2 d. Data de 8 de Fevereiro de 1801.

50 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-45, n.º 5 d. Data de 13 de Maio de 1801.

51 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-46, n.º 19 j. Data de 5 de Julho de 1802.

52 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-46, n.º 23 b. Data de 9 de Novembro de 1802.

53 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-47, n.º 31 f. Data de 16 de Julho de 1803.

54 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-X-17, n.º 58. Data de 9 de Dezembro de 1803.

55 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-X-6 15, publicado por P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007, 63.

56 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-48, n.º 18 f.

57 Biblioteca da Ajuda, cota: 54-VIII-49, n.º 23 h.

que adquiria, permitiram-lhe lançar-se na permanente encomenda de jóias, o que pudemos observar através desta continuada e riquíssima documentação. Nela se prescreve uma amostra do que subsiste face a outros aspectos sumptuários da vida daquela que acabou os seus dias viúva e sem descendência.

Quanto à natureza dos objectos preciosos, temos a percepção de que se imbuíu verdadeiramente do espírito neoclássico, com a simplicidade das formas e a opção pelo cromatismo de algumas gemas de que parecia ter certa predilecção, como os topázios, os diamantes, as águas-marinhas e os rubis.

Quando morreu, em 1829⁵⁸, as suas jóias foram avaliadas em 50:781\$200 réis, e pelo respectivo montante podemos perceber que possuía adornos preciosos em quantidade e qualidade, vindo a ser distribuídos, nomeadamente, pelos sobrinhos e sobrinhas-netos⁵⁹.

Jóias na ilha de São Miguel, nos Açores

Na ilha de São Miguel, nos Açores, a documentação setecentista permite evidenciar que as elites micaelenses não possuíam grande quantidade de peças com pedraria, e é provável que, caso as pretendessem, as encomendassem em Lisboa. Tal situação ocorreu com o adereço de topázios – e não só – que o comerciante Nicolau Raposo do Amaral mandou adquirir em Lisboa (1778) e que, dele não gostando sua filha – a quem se destinava –, o reenviou para o Rio de Janeiro, mercado onde, por minguia de jóias de grande qualidade e certo aparato, se venderia com maior facilidade⁶⁰.

Os inventários orfanológicos estudados em Ponta Delgada informam-nos relativamente a outros elementos referentes a jóias. Da amostra recolhida, o mais habitual revelam-se as peças em ouro⁶¹ ou com diamantes. Vejamos três casos dos finais do século XVIII, começando com o acervo de D. Maria Leonor da Câmara e Medeiros (quadro V), com processo iniciado em 1793. Na listagem dos adornos faz-se menção de uma meada de aljófar⁶², a peça mais valiosa, de um broche de diamantes, de um anel de topázio e lascas de diamantes e de outro com uma granada, entre diversos objectos⁶³.

58 A questão das jóias da princesa encontra-se abordada por A. Lázaro, *O testamento da princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

59 P. Drumond Braga, *A princesa na sombra: D. Maria Francisca Benedita, 1746-1829*, Lisboa, Colibri, 2007, 63-64; e A. Lázaro, *O testamento da princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

60 Episódio narrado em G. de Vasconcelos e Sousa, “Ditames do gosto setecentista: o negociante de grosso trato Nicolau Maria Raposo do Amaral, de Ponta Delgada, e as Artes Decorativas”, em *Matrizes da investigação em Artes Decorativas* (coord. G. de Vasconcelos e Sousa), Porto, CITAR, 2010, 26-27.

61 Como sucede no inventário do Dr. Francisco Frazão Gondim, nomeadamente os adornos que pertenciam à viúva, D. Catarina Maria de Castelo Branco e Medeiros. Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1791-1793, Maço 26, processo solto de inventário do Dr. Francisco Frazão Gondim, f. 9-9v.

62 De que demos notícia em G. de Vasconcelos e Sousa, “A corte portuguesa de Setecentos e a joalheria: elementos para o seu estudo”, *Revista de Artes Decorativas*, Porto, UCE-Porto; CITAR. 4 (2010), 110, nota 35.

63 Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1791-1793, Maço 26, processo de inventário solto de D. Maria Leonor da Câmara e Medeiros, f. 3.

QUADRO V. *Inventário das jóias e prata de D. Maria Leonor da Câmara de Medeiros, sendo inventariante seu marido, José Jacinto de Andrade Albuquerque Bettencourt (processo iniciado em 1793, com avaliação de 16 de Setembro de 1807)*

Nº	Descrição	Peso	Preço (rs.)	Herdeiro
1	Uma meada de aljófar	17 oitavas e ½	105\$000	Caetano
2	Um broche de ouro cravado com 35 diamantes, um maior e dois menores, e os outros mais pequenos	11 oitavas	43\$000	D. Margarida
3	Um par de brincos de ouro com três peças cravadas de diamantes, a saber, 61 miúdos e 6 mais graúdos e 2 esmeraldas	3 oitavas e ½	12\$700	D. Teresa
4	Um recucle [rosicler] e brincos de ouro com 44 lasquinhas de diamantes	5 oitavas	12\$000	D. Maria
5	Um anel de ouro com um topázio e duas lascas de diamantes	–	3\$600	D. Margarida
6	Um anel de ouro com uma granada	–	1\$800	D. Teresa

Fonte: Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1791-1793, Maço 26, processo de inventário de D. Maria Leonor da Câmara e Medeiros, f. 2v.-3; 12.

O inventário da micalense D. Ana Jacinta Brandão e Teve (1762-1788)⁶⁴ (quadro VI), moradora na cidade de Ponta Delgada, nos Açores, apresenta-se particularmente rico em adornos com aljófares, para além de peças com diamantes, como dois laços do pescoço com brincos em conjunto. Neste acervo preponderavam as jóias com pedrarias de cor, como um afogador de pescoço com laço no meio e brincos irmãos, com ametistas encarnadas e *cravadura* de diamantes, avaliado na importante quantia, em termos insulares, de 240\$000 rs., para além de outro de menor relevância, desta vez com topázios amarelos cravados em prata dourada (24\$000 réis). Regista-se, igualmente, a presença de um par de brincos com uma amêndoa separada do pescoço, guarnecido com topázios brancos e dobletes verdes, outra solução muito interessante não pouco comum na joalheria portuguesa deste período⁶⁵. O par de pulseiras com pedras brancas e as travessas de cabelo de vários tamanhos de tartaruga cravadas com topázios amarelos faziam parte do espólio avaliado⁶⁶.

64 R. Rodrigues, *Genealogias de São Miguel e Santa Maria*, Lisboa, Dislivro, D.L. 2008, vol. 4, 2431. Para a data do óbito, 31 de Maio de 1788, cf. Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Registos Paroquiais*, Freguesia de S. Sebastião (Ponta Delgada), L.º 7-Ób. (1786-1793), f. 68.

65 Sobre o conceito de doblete, cf. R. Galopim de Carvalho; L. d'Orey, Glossário, em *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa* (coord. L. d'Orey), London, IPM; Zwemmer, 1995, 120.

66 Biblioteca Pública Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1787-1790, Maço 25, processo de inventário solto de D. Ana Jacinta Brandão e Teve, f. 31v.-33v.

QUADRO VI. *Inventário das jóias por morte de D. Ana Jacinta Brandão e Teve, mulher do capitão Agostinho de Barros Lobo (1788)*

N.º	Descrição	Peso	Preço (rs.)
1	Uma meada de aljófar graúdo com 11 linhas e 16 miúdo	32 oitavas	256\$000
2	Uma linha de aljófar, entremeio, com 3 varas e meia a terça	18 ½ oitavas	63\$000
3	Uma meadinha de aljófar, pequena com 3 linhas de graúdo e uma menor e 19 muito miudinhas	11 oitavas	66\$000
4	Uma linha de aljófar miúda com duas varas de comprido	2 oitavas e 1/2	1\$500
	Diamantes		
5	Um laço do pescoço e brincos irmãos com 12 diamantes, além de algumas lasquinhas	6 1/2	30\$000
6	Um laço do pescoço pequeno com seus brincos irmãos, tudo de ouro e todo cravado de diamantes, assim o laço como os brincos	10 ½ oitavas	80\$000
7	Afogador de pescoço com seu laço no meio e brincos irmãos pequenos, todo guarnecido de ametistas encarnadas e cravadura de diamantes	–	240\$000
8	Uma cruzinha de ouro com 15 diamantes	3 oitavas	12\$000
9	Uma venera de Familiar do Santo Ofício de ouro com 11 diamantes	3 ½ oitavas	24\$000
10	Uma venera de Familiar do Santo Ofício	½ oitava e 15 grãos	1\$200
11	Um adereço de pescoço com brincos irmãos de topázios amarelos cravados em prata dourada	–	24\$000
12	Um par de brincos de prata com uma amêndoa separada do pescoço e de topázios brancos com dobletes verdes no meio	–	16\$000
13	Um par de pulseiras redondas de prata cravadas de pedras brancas e uma verde no meio, pedras de (?)	–	4\$800
14	Um par de pulseiras de prata todas cravadas em topázios amarelos	–	7\$200
15	Dois travessas de cabelo de tartaruga cravadas por cima de topázios amarelos	–	5\$000
16	Dois travessinhas e um pente pequeno para a cabeça de tartaruga, cravadas por cima de topázios amarelos e ametistas	–	6\$400
17	Dois travessinhas de cabeça de prata cravada de topázios e ametistas com seus pés	–	4\$200
18	Dois flores de cabeça de topázios e ametistas	–	5\$000
19	Um alfinete de peito com uma ametista cravada de lasquinhas de diamantes	–	2\$400
20	Um par de brincos pequenos de ouro com pernas, de 3 aljófares cada um e cinco de roda	2 oitavas e 24 grãos	4\$000
21	Um par de brincos de ouro de laço de <i>finagrã</i> e pernas de dois aljófares cada uma e as meias luas de cima com 15 aljófares	–	4\$500
22	Um par de brincos de ouro pequeninos com pernas de aljófar, três em cada uma perna	1 oitava e 12 grãos	2\$000
23	Um par de brincos de ouro simples	1 ½ oitava	2\$400
24	Um par de brincos de ouro simples	1 ½ oitava	2\$500
25	Uma fivela de pescocinho de ouro	7 oitavas e 27 grãos	11\$500
26	Dois cordões de ouro finos, um com uma vara e ¾ e o outro o mesmo	9 oitavas e ½	16\$900
27	Dois cordões de ouro finos, que mediram 2 varas cada um	15 oitavas	25\$000
28	Um cordão de ouro com uma cruz e crucifixo de ouro de trazer ao pescoço com relíquias, com vara e meia de comprido, favorecida	16 oitavas	25\$900
29	Quatro pares de botões de ouro ordinários	3 oitavas e 28 grãos	4\$200

N.º	Descrição	Peso	Preço (rs.)
30	Uma cruzinha pequenina com um crucifixo, feito de triângulo	1 oitava e 20 grãos	1\$800
31	Uns brincinhos de ouro com quatro ametistas encarnadas	1 oitava e 24 grãos	3\$400
32	Um <i>rosariozinho</i> de contas de ouro com cruz do mesmo	15 oitavas	25\$200
33	Um anel de ouro com uma esmeralda e 3 lasquinhas de diamantes, duas de lado	1 oitava	4\$800
34	Um anel de ouro com seu topázio encarnado e um diamante de cada ilhargá	1 oitava e 15 grãos	7\$200
35	Um anel mais pequeno também de ouro com um topázio encarnado e um diamante de cada lado	1 oitava	6\$400
36	Um anel de ouro com uma ametista e duas pedrinhas brancas de massa nos lados	1 oitava e 12 grãos	2\$000
37	Um anel de ouro com um topázio amarelo com um diamante em cada lado	1 oitava e 20 grãos	5\$200
38	Um anel de ouro mais pequeno com um topázio amarelo e um diamante de cada lado	½ oitava	2\$400
39	Um anel de ouro com uma ametista cor-de-rosa e um diamante de cada lado	1 oitava	4\$400
40	Um anel de ouro com uma ametista cor-de-rosa e um diamante de cada lado	1 oitava	4\$000
41	Um anel de ouro mais pequeno com uma ametista cor-de-rosa e um diamante de cada lado	1 oitava	2\$600
42	Um anel de prata com um retrato cercado de pedrinhas de massa brancas	–	2\$400

Fonte: Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1787-1790, Maço 25, processo de inventário de D. Ana Jacinta Brandão e Teve, f. 31v.-33v.

Mais modesto é o acervo do casal formado pelo Sargento-mor Francisco Moniz da Câmara e por sua segunda mulher, D. Ana Felícia do Quental (quadro VII), avaliado em 7 de Agosto de 1789 por José Joaquim do Vale e Francisco Martins de Arruda. Os adornos mais valiosos são dois cordões e uns brincos de ouro com pendentes de aljôfar, revelando a exiguidade, em termos de objectos preciosos de excepção, de que se revestia a generalidade dos acervos das elites micalenses no período em causa.

QUADRO VII. *Inventário das jóias e prata do casal Sargento-mor Francisco Moniz da Câmara e sua mulher, D. Ana Felícia de Quental, sendo inventariante sua filha, D. Rosa Eugénia (1789)*

N.º	Descrição	Peso	Preço (rs.)
1	Uma linha de aljófar	3 ½ oitavas e 12 grãos	10\$950
2	Um <i>broxe</i> de pedras	5 oitavas de ouro, abatidas as pedras	7\$000
3	Uns brincos de ouro com pernas de aljófar	12 oitavas	30\$800
4	Uma cruz de ouro	2 ½ oitavas e 20 grãos	3\$900
5	Uma cruz de ouro e filigrana	1 ½ oitavas e 9 grãos	2\$280
6	Umás jóias de ouro com uma pedra	3 ½ oitavas e 12 grãos, abatida a pedra	4\$440
7	Uma jóia de aljófar com três pernas	–	2\$500
8	Uns brincos de aljófar com quatro diamantes	–	3\$200
9	Um par de brincos de ouro matizados de aljófar	–	18\$900
10	Uns brincos de ouro de gancho	4 oitavas e 12 grãos	5\$840
11	Um anel de ouro com pedras	–	3\$000
12	Um anel de ouro com um diamante pequeno	–	1\$600
13	Um bocadinho de ouro quebrado	2 oitavas	2\$800
14	Quatro pares de botões de ouro à filigrana	2 oitavas	2\$800
15	Dois pares de botões de ouro	2 ½ oitavas e 7 grãos	3\$640
16	Dois cordões de ouro	36 ½ oitavas e 9 grãos	51\$280
17	Um anel de ouro com uma pedra	1 oitava e ¼	1\$750
18	Um anel de ouro com pedras brancas	–	2\$100
19	Um anel pequeno de ouro com uma pedra verde de esmeralda	–	1\$200

Fonte: Biblioteca Pública de Ponta Delgada/Arquivo Regional dos Açores, *Inventários orfanológicos*, Comarca de Ponta Delgada, 1787-1790, Maço 25, processo de inventário do Sargento-mor Francisco Moniz da Câmara e de sua mulher, D. Ana Felícia de Quental, f. 20v.-21v.

Jóias no Brasil: algumas informações sobre São Paulo

A leitura atenta de alguns inventários orfanológicos da região de S. Paulo, no Brasil, faz-nos aceder a um conjunto de informações relativas a adornos pessoais de ouro e prata, com e sem pedraria, permitindo tomar a percepção do *modus vivendi* do Brasil colónia, em especial dessa região. Não havendo menção de jóias muito valiosas, neles deparamo-nos, pelo que pudemos perceber, com a descrição de peças maioritariamente de ouro ou prata, havendo algumas delas com diamantes e, também, gemas de menor valor, como os topázios ou os pingos d'água. A presença de objectos de prataria do serviço doméstico evidencia a evolução do gosto e o requinte do quotidiano, que se procura acentuar, à medida que se avançava para Oitocentos.

No inventário por morte do Capitão José Maurício da Silva, no ano de 1803, sendo inventariante o capitão-mor Manuel da Cruz Correia da Silva, da vila de Santana da Parnaíba, no estado de S. Paulo, para além de algumas peças sem grande relevância, não deixa de estar presente “*hum anel com aro de ouro com pedra de topázio vermelho e dous diamantes*”, no valor de 2\$400 rs., e

“*hum par de brinquinhos de prata com pedras vermelhas*”, por 480 réis⁶⁷. Vamos recolhendo novos elementos. Noutro inventário de Santana da Parnaíba, de Ana Joaquina, que continua com sua mãe, Maria de Abreu Lemos, sendo inventariante o Capitão José Martins da Cruz, referem-se um par de botões de pingos d’água brancos (640 rs.), um par de brincos *desmanxados* de pingos d’água (240 rs.), para além de umas contas de granadas vermelhas (120 réis.)⁶⁸.

Corria o ano de 1800 quando se iniciou o inventário de António Alves Feio (quadro VIII), continuado com o da sua viúva, Maria França da Cunha, e nele se avalia um conjunto de vários pares de brincos de pedras brancas cravadas em prata, para além de fios de *perulos*, botões, laços e outros adornos de ouro⁶⁹.

QUADRO VIII. *Inventário post-mortem de António Alves Feio, que se continuou com a viúva cabeça de casal, Maria França da Cunha (1800)*

Quantidade	Descrição	Peso	Valor (rs.)
3	Fios de <i>perulos</i> de ouro	—	56\$760
2 Pares	Botões de ouro	14 oitavas e 1/2	19\$300
1 Par	Brincos	Oitava e ½	2\$100
1	Laço de ouro	2 oitavas e ½	3\$150
1	Lacinho pequeno	½ oitava	700
1	Cordão, 1 laço e 1 par de brincos	—	17\$850
3 Pares	Brincos de pedras brancas encastoados em prata todos os três	—	6\$400
3 Ditos	Encastoados em prata	—	6\$400
3 Ditos	Encastoados em prata	—	4\$000

Fonte: Arquivo Público do Estado de S. Paulo, Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo, Caixa n.º 4031, processo 1505, f. 17-18.

Noutro inventário do Estado de S. Paulo, no Brasil, desta vez de António José Ribeiro Barbosa, elencam-se peças avaliadas em 29 de Julho de 1802, sendo inventariante o Capitão Bernardo José de Sousa. Originário da freguesia de Santa Eulália de Barrosas, em Felgueiras, Portugal, possuía várias peças de ouro, e algumas valiosas, para os parâmetros da colónia da época, encontrando-se, com gemas, dois anéis de ouro com pedras encarnadas e outro com pedra branca cravada em prata. O montante mais elevado dizia respeito a um “*aderesso de ouro com brincos irmaons*”, a que foi atribuída a verba de 32\$000 rs., segundo valor estabelecido por Vicente Luís de Brito e José Francisco de Vasconcelos, avaliadores do concelho de S. Paulo⁷⁰.

Desse ano de 1802 data um outro inventário, o de Manuela Maria de Camargo (quadro IX), que deixou viúvo Manuel Álvares dos Santos, “*com seo trafico de botica*”, morador na Rua da Quitanda

67 Arquivo Público do Estado de S. Paulo (Brasil), *Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo*, Inventários Orfanológicos, Caixa n.º 4031, processo 1766, f. [24].

68 Arquivo Público do Estado de S. Paulo (Brasil), *Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo*, Inventários Orfanológicos, Caixa n.º 4031, processo 1681, f. 4.

69 Arquivo Público do Estado de S. Paulo (Brasil), *Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo*, Inventários Orfanológicos, Caixa n.º 4031, processo 1505, f. 18.

70 Arquivo Público do Estado de S. Paulo (Brasil), *Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo*, Inventários Orfanológicos, Caixa n.º 4031, processo 1892, f. 17-17v.

Velha, em S. Paulo. Entre diversos outros adornos em ouro, encontramos um laço com duas pedras vermelhas (8\$000 rs.), um par de brincos de ouro com pedras vermelhas (3\$200 rs.), outro par de brincos de *grizolitas* cravadas em prata (16\$000 rs.) e “*Hum anel de oiro com pedra de topázio vermelho*” (2\$560 rs.), um de ouro com pingos d’água (2\$000 rs.) e mais um de ouro com pingos d’água mais pequeno (2\$000 rs.). São, ainda, mencionadas nove flores de prata com pedras “*que serve para por na cabessa*”, mas não indica de que gemas se trata⁷¹.

QUADRO IX. *Inventário post-mortem de Manuela Maria Camargo, deixando viúvo Manuel Álvares dos Santos, “com seo trafico de botica”, morador na Rua da Quitanda Velha, em S. Paulo (1802)*

Quantidade	Descrição	Peso	Valor (rs.)
Quatro pares	Botões de ouro, três pequenos, e um grande do peito	9 oitavas e ½	13\$300
Um	Caixilho de ouro com sua corrente	17 oitavas	23\$800
Dois	Fios de contas de ouro	5 oitavas e ¼	7\$350
Um	<i>Rosariozinho</i> de ouro	três oitavas e ¼	4\$550
Um par	[Brincos?] de ouro com pedras de topázio amar[elo]	–	3\$200
Um	Cordãozinho de ouro com a imagem da Conceição	1 oitava e ¼	1\$750
Um	Laço com duas pedras vermelhas	–	8\$000
Um	Par de brincos de ouro com pedras vermelhas	–	3\$200
Um par	Brincos de crisólitas cravadas em prata	–	16\$000
Três	Quartos de ouro velho	–	\$960
Um	Anel de ouro com pedra de topázio vermelho	–	2\$560
Um	Anel de ouro com pingos d’água	–	2\$000
Um	Anel de ouro com pingos d’água mais pequeno	–	2\$000
Nove	Flores de prata de pedras “ <i>que serve para por na cabessa</i> ”	–	1\$440

Fonte: Arquivo Público do Estado de S. Paulo, Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo, Caixa n.º 4031, processo 1976, f. 4v., 5, 5v.

CONCLUSÃO

O impacto cromático possibilitado, na joalheria portuguesa, pela afluência das gemas brasileiras transformou-a num ponto de referência internacional para o período setecentista, evidenciando o apreço pela cor, forma e fantasia, bem expressos nesta arte sumptuária.

O uso de topázios, granadas, águas-marinhas, ametistas ou crisoberilos fez-se sentir um pouco por todo o mundo português, sendo especialmente visível nos exemplares executados nos mais importantes locais produtores de joalheria do reino, as cidades de Lisboa e do Porto.

Aí afluem as gemas oriundas do Brasil, dando corpo às tipologias divulgadas a partir dos principais centros europeus, numa interpretação das estéticas rococó e neoclássica. De jóias de toucado a peças de adorno de mãos, de imponentes laços peitorais a elegantes brincos, tudo se combinou com

71 Arquivo Público do Estado de S. Paulo (Brasil), *Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo*, Inventários Orfanológicos, Caixa n.º 4031, processo 1976, f. [5-5v.].

a decoração esmaltada e com a presença das pérolas para podermos considerar este período com um dos mais atractivos para o estudo da joalheria em Portugal e no Brasil. E, neste contexto, emerge a figura da princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita, grande apreciadora de jóias, cujo acervo renovava frequentemente.

Recorrendo, com especial incidência, aos inventários orfanológicos de S. Paulo, no Brasil, e da zona de Ponta Delgada, nas ilhas dos Açores, apresentámos um conjunto de informações referentes a locais afastados dos principais centros produtores e consumidores do mundo português, em tempos de finais de Setecentos e inícios da centúria seguinte. Estes róis possibilitam-nos uma imagem referente a alguns acervos periféricos, mas em que se sente a presença das gemas brasileiras, que se disseminaram e alcançaram um grande êxito junto da principal clientela.